

DF - Núcleo Bandeirante Bandeirante festeja 47 anos com orgulho e problemas

Primeira cidade do DF ainda clama por um hospital e por um cinema

LÚCIA LEAL

O Núcleo Bandeirante completa hoje 47 anos, com motivos para comemorar e também para lamentar. Para comemorar, há o orgulho de ser a primeira cidade do DF, construída para abrigar os candangos que vieram para construir a capital da República, que lhe deu o título de Cidade-Mãe de Brasília. Para lamentar, a falta de um hospital, um cinema para os momentos de lazer, e os eternos problemas com manutenção das redes de esgoto, luz e telefone.

De 1956, quando começaram a chegar os primeiros candangos, a cidade guarda pouca coisa. Algumas casas em madeira ainda resistem, assim como o Mercado Central, lugar tradicional para saborear pratos nordestinos.

Quando a cidade nasceu,

não era para ser definitiva, sua existência deveria se limitar ao período da construção de Brasília, entre 1956 e 1960. Mas passou a oferecer melhor estrutura que muitas cidades brasileiras mais antigas.

A Cidade Livre, como era chamada nos primeiros anos, ficou famosa por seu intenso comércio, com muitos bares, restaurantes, hotéis, cinemas, feiras e os mercados Diamantina e Alvorada. Enquanto o resto do Brasil nem sonhava com o atendimento 24 horas, no Núcleo Bandeirante isso já era realidade na década de 70.

No início de 1960, com proximidade da inauguração de Brasília, começaram a surgir informações sobre a desmontagem da Cidade Livre. Teve início, então, um movimento de pressão dos moradores, que culminou, em 1961, com a elevação à condição de

cidade-satélite, recebendo então o nome de Núcleo Bandeirante – uma expressão do presidente Juscelino Kubitschek, que chamava de bandeirantes as pessoas que moravam naquele núcleo provisório. Daí a composição do nome.

DONA QUERIDA – De lá para cá muitas alegrias e problemas. Mas o amor do morador pelo Núcleo Bandeirante supera todas as dificuldades. É o caso da pioneira Maria de Moraes Barros, 79 anos, não à toa chamada por todos na cidade de Dona Querida. Ela chegou há 45 anos e diz que viu muita coisa melhorar e outras ficarem piorar. Mas seu amor pelo Núcleo Bandeirante é incondicional.

"O comércio caiu muito. Quando cheguei aqui não tinha essa concorrência com os hipermercados. Para nós, do

tempo da mercearia, foi ruim. O Bandeirante tinha o melhor comércio do DF. Os estabelecimentos do Plano Piloto vinham se abastecer aqui com a gente. Hoje, trabalhamos com muita dificuldade", relata.

Dona Querida veio de Paranaíba (PI). Com marido e sete filhos, compraram o Açougue São José, que existe até hoje. Têm também a Mercearia Paranaíba, no Mercado. "Passamos por tanta coisa aqui que era para a gente ter desistido. Perdemos tudo no incêndio de 1974, que destruiu o Mercado quando era de madeira. Só tendo muito amor pelo lugar para suportar", afirma.

De melhor, ela fala da estrutura da cidade. "Era tanta poeira, volta e meia um barraco pegava fogo. Vivíamos em condições de risco. Hoje temos praças, igrejas, asfalto. Mas falta o hospital e um cinema".